

BIBLIOTECA, LIVROS E AÇÃO

O importante é que a gente comece a descer os livros, a abrir os livros.

Biblioteca não é um estádio de futebol...

Bel: Eu tenho falado muito da atuação coletiva entre as bibliotecas. A biblioteca é para todo mundo. E, principalmente, para quem não é leitor. Para aquele que ainda não o é. Quem é leitor se vira. Ele vai atrás... Ao mesmo tempo você está num país que, a gente sabe, tem ainda índices assustadores de pessoas que não acessam livros. É para cada um de nós pensar: como é que a gente abre as portas da nossa biblioteca. A biblioteca comunitária acaba atendendo uma escala muito pequena. Ela está aí para servir a sua comunidade.

Então acho que é para a gente pensar: o que a gente quer? Uma biblioteca para que? Ela não é só um espaço. Ela é um lugar de encontro de pessoas, a partir da palavra, a partir do livro. Às vezes, é começar uma leitura com apenas três pessoas... Uma biblioteca não é um estádio de futebol, que precisa estar lotado para o jogo funcionar. Tanto faz se a gente começa com três, com cinco, com dez... O importante é que a gente comece a “descer” os livros, abrir os livros. A gente não precisa ter o altar. Biblioteca também não é igreja, em que você tem algumas pessoas fazendo ritual, do qual você participa de vez em quando.

A gente não quer edição de R\$1,99 para nossa biblioteca

Bel: A biblioteca veio como resposta a uma demanda dos meninos. Eles queriam abrir a biblioteca da escola deles, que estava fechada. Foi quando surgiu a nossa proposta: vamos fazer uma biblioteca juntos? E apareceu um edital... Então, um primeiro desafio foi o de sentar com mais de vinte jovens para escrever um projeto. Teria sido muito mais fácil chegar na minha casa, sentar frente ao meu computador, escrever rapidinho e mandar. Mas nós tínhamos a nossa equipe do IBEAC (Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário) e entendemos que, ali, era uma oportunidade de a gente começar a construir juntos. Então, a gente começou juntos.

É preciso conhecer o que existe, para a gente poder construir o que é nosso, do jeito que a gente quer. A gente quer que eles peguem o livro na estante, que eles comparem as publicações... Eles foram formados para isso! Que eles possam ir ao caixa da livraria e pagar pelo livro. A gente não quer edição de R\$1,99 para nossa biblioteca. Pinóquio em cinco páginas? Não! A gente quer a história do Pinóquio inteira. Porque a gente não quer perder a beleza literária do texto, só porque nós estamos na periferia. É porque estamos na periferia que a gente precisa do melhor livro.

Uma biblioteca aberta, de fora para dentro, de dentro para fora

Bel: A biblioteca “Caminhos da Leitura” abre todos os dias durante a semana. Ela fica aberta das nove às dezoito horas. O novo desafio, agora, é ter voluntários que abram a biblioteca pelo menos até às dezenove horas. Ela abre todos os dias, para empréstimo de livros. Tem empréstimos constantemente. Acontecem, também, a cada quinze dias, dois eventos que são permanentes:

um é o cine-debate, que é um encontro para discutir filmes inspirados em obras literárias. O outro é o clube de leitura. O clube de leitura a gente desenvolve junto com a Companhia das Letras. Ela empresta para a gente dezessete exemplares de um livro. Aí, dezessete pessoas os leem... Ou vinte e cinco, quando os livros são pequenos. Então, fazem um encontro, que dura duas horas e meia, para discutir o livro. Sempre tem dois jovens que fazem a mediação. Há, também, a mediação para bebês. Tem algumas mediadoras da biblioteca que estão cada vez mais especializadas em mediação para bebês e para crianças pequenas. Isso tanto acontece na biblioteca, como nas creches situadas na região. Nesse caso, elas vão para lá e fazem essa contação de histórias, a leitura, a mediação... Tem ainda o encontro com as mães mobilizadoras. ...um grupo de doze mulheres que trabalha, principalmente apoiando os bebês e as grávidas, mas também com esse foco na literatura. Com elas, tem encontros para conversar sobre violência doméstica, sobre cuidado com os bebês... E tem meditação, tem aula de yoga, tem as rodas feministas... A gente tem um acervo só de literatura feminista, que fica separado. E, finalmente, tem os saraus, que não acontecem todos os meses.

Tem que fazer os livros circular

Bel: O acervo é exclusivamente literário. A gente resolveu focar na literatura. E não no livro técnico. Às vezes, até chega [livro técnico]... Tem os jovens que estão estudando pedagogia... São quatorze, agora. Então, tem um acervo ligado à educação. Às vezes, a gente recebe doação de livros de autoajuda. Esses, ficam à disposição para doação.

Hoje, nós temos mais ou menos 4.000 títulos de literatura na biblioteca. Uma parte deles é circulante. Nós temos as algibeiras – que são expositores plásticos. Nas nossas, cabem 20 livros. Elas ficam penduradas em bares, supermercados, unidades de saúde... Esse é um jeito de levar literatura para os bairros distantes. Porque as pessoas que moram neles precisariam ter 8 reais para chegar à biblioteca. E nem todo mundo tem! Você tem que fazer os livros circular. Hoje, acho que umas vinte algibeiras circulam, espalhadas pela região. Com relação à frequência à biblioteca, a rede de LiteraSampa – composta por treze bibliotecas, desenvolveu um questionário: quais foram os livros mais lidos no mês? quais as atividades realizadas? Quantas pessoas frequentaram a biblioteca?... Na nossa, é uma média de 300 pessoas por mês. Lá dentro!

Chama quem gosta de ler, pensa num cantinho... Começa!

Bel: Para começar uma biblioteca, antes dos livros, a gente precisa de gente. Essa é a primeira coisa! Gente que goste de ler. E gente que acredita que a literatura tem um poder transformador. O segundo passo é pensar como fazer os livros circular. Todos nós temos um livro dentro de casa, que a gente poderia fazer circular. Depois, manda um recado. De um jeito muito simples. Eu tenho dedicado toda a minha vida a traduzir os conceitos na forma mais simples e compreensível possível. E acho que tem que ser coisa simples. Pergunte: você gosta de ler? Sim? “Vãmbora”, a gente quer marcar um papo com gente que gosta de ler. Pode ser que apareçam só duas pessoas... Então, essas duas pessoas começam. Estabelecer os critérios para definir quais livros farão parte da biblioteca também é importante. Porque isso vai qualificando.

Pensar em um espaço em que as pessoas não tenham impedimento para chegar. Na nossa biblioteca, o impedimento que tem é que ela teve que ser em um cemitério... Mas, é isso. Se você chegou lá, você vai pegar um livro. Tanto faz se você tem ou não endereço fixo, se você tem ou não RG, você pode pegar um livro. Outra coisa é pensar em trazer os autores do lugar. Porque os autores querem ser lidos. Quem é o autor daqui dessa região que pode ser um padrinho dessa biblioteca? A gente acha que todo autor já morreu. Porque criaram uma ideia de cânone literário, como se quem escreve fosse um semideus. Mas tem gente da gente que escreve.

Planejamento

Bel: Nós fomos preparando os meninos para serem gestores. Eu a Berliom – que é a outra coordenadora – fazemos um encontro com eles. A gente chama de planejamento, que é planejar a ação.

Proteção ambiental, produção orgânica e turismo de base comunitária; a biblioteca se transformando e ajudando a transformar

Bel: Parelheiros é numa área de proteção ambiental. Então, tem que ter a atitude responsável de valorizar aquela região. Quando nós chegamos, o que significava, para as pessoas, ter uma área de proteção ambiental? Agora não pode mais nada!... Agora não pode mais derrubar uma arvorezinha... Agora não pode mais construir... Isso porque, quando a lei vem de cima para baixo, sem envolver as pessoas, ela decide que tais pessoas têm que preservar um pedaço de natureza, porque, antes, outros já destruíram para construir. Então, para elas sobra só o lado negativo. Assim, a gente falou: a nossa biblioteca também tem que ser um espaço para as pessoas perceberem a importância que essa região tem. Para não ver apenas o castigo.

Uma ideia foi captar água da chuva. A água que a gente usa no banheiro e para lavar a parte externa da biblioteca é captada da chuva. É uma região de manancial, com altos índices pluviométricos, então faz todo sentido.

A Biblioteca é pequenininha, três cômodos. Por isso, a gente precisava aproveitar o jardim. Aí, com a participação da comunidade, a gente construiu um banco, de adobe. Os pais dos meninos participaram. No jardim, tem também uma pequena horta. Em espiral, como a Permacultura trabalha.

Eu também sou turismóloga. Tenho formação... Acabei indo estudar turismo, em 2010, por causa de Parelheiros. A gente viu o potencial que a região tem também para a produção orgânica. E aí se deu minha aproximação com a professora Thaise Guzzatti, que já era minha amiga. Eu já a conhecia pela rede de empreendedores sociais da Ashoka. Nas conversas com ela, a gente começou a refletir que poderia pensar em um projeto de turismo de base comunitária, que envolvesse também a biblioteca. Então, dentro da biblioteca, surgiu um projeto que, hoje, se chama “Acolhendo em Parelheiros”. A biblioteca está num bairro “da colônia”, de colonização alemã. E esse broto da “Acolhida na Colônia” nasceu lá dentro dela.

A biblioteca é, dessa forma, uma referência. Até o momento, em todas as visitas de turistas que a gente tem recebido em Parelheiros, a articulação passa pela biblioteca. A discussão sobre a Permacultura foi um jeito de conectar com a área de proteção ambiental e com os produtores orgânicos. E até com Santa Catarina. Porque Santa Catarina é parceira da biblioteca.

Ser apoiado para tecer uma rede inteira que apoia

Bel: O principal apoiador da biblioteca é o programa “Prazer em Ler”, do Instituto C&A, que nos apoia desde 2009. Infelizmente, o Instituto C&A está se retirando da pauta da educação.

Hoje, exatamente, sexta feira 13, o presidente golpista finalmente assinou o Plano Nacional de Leitura e Escrita, que é uma lei pela qual a gente lutou muito para que acontecesse. Como é que um país da dimensão do Brasil não tinha, ainda, uma lei para regulamentar suas políticas de livro, leitura e escrita?

Vêm recursos para nós do LiteraSampa, dessa rede. Canal que começou com o Instituto C&A e com o fomento do Itaú. O LiteraSampa apoia três jovens bolsistas. Eles recebem uma bolsa para poder fazer a gestão da biblioteca. Porque a gente aposta nisso também, para que a biblioteca seja uma oportunidade de trabalho para eles... Senão, eles teriam que abandoná-la.

Outros apoiadores favorecem ações “da biblioteca, para fora”, que para nós são importantes. Como a Fundação Bernard van Leer, uma organização holandesa, que apoia nossas mães mobilizadoras. Elas “nasceram” dentro da biblioteca e fazem um projeto de leitura. A gente tem uma bandeira que, colocada na porta da casa, identifica que ali mora uma criança, um bebê ou uma grávida. Porque é para a comunidade inteira cuidar. Ali é uma região com altos índices de gravidez na adolescência e você tem meninas que começam a cair em depressão, a não sair de casa. É importante você ter uma rede inteira que apoia. E isso tem que ser mais do que um slogan. É preciso pensar efetivamente: como é que eu apoio uma menina que estava estudando e que ficou grávida? Afinal, a gente sabe quanto a gravidez pode interromper a sua trajetória educacional.

Ponto de convergência e de radiação

Bel: Michelle Petit é uma escritora francesa. Em uma das passagens dela pelo Brasil, essa autora deu uma entrevista na qual disse que “a biblioteca é um ponto de convergência e de radiação”. Ponto de convergência, porque é o lugar mais democrático que uma comunidade pode ter. Um lugar em que todo mundo pode entrar. Com ou sem documento. Sabendo ou não ler. Estando saudável ou doente. Tendo ou não problemas com a justiça... A biblioteca é esse ponto de convergência: das pessoas, das ideias... Um lugar para as pessoas se encontrarem. A biblioteca é um centro cultural organizado a partir do livro. Assim como o cinema é um lugar em que as pessoas vão para namorar, para se encontrar, para se informar... E o centro, ali, é o filme. A biblioteca é tudo isso. E, nela, o centro é o livro. Isso como ponto de convergência. Como ponto de radiação, quando a gente se encontra, quanta coisa a gente pensa que dá para fazer a mais? A gente começa a ter mil ideias. Imagine as pessoas se encontrando lá, para conversar. Dentro do bairro, elas não têm outros lugares para conversar. Nem todo mundo tem sala em casa... Lá, telefone não funciona. Então, como as pessoas se encontram e conversam? Assim, a biblioteca é um ponto de radiação de outras ideias.